

**Para além da morte:
a multiplicidade da morte pela Comunicação**

*Beyond death:
the multiplicity of death through communication*

Marcelo Almeida DUARTE¹
Pedro Pinto de OLIVEIRA²

Resumo

Em um breve percurso histórico vemos que na Grécia Antiga até a Idade Média a ideia acerca da morte sofreu mudanças. Na Modernidade (XVIII-XX) a morte começa a ser racionalizada. Na contemporaneidade evitamos a morte e buscamos por intermédio da Comunicação reduzir seu estranhamento. Neste trabalho tratamos a morte como um acontecimento (QUÉRÉ, 2005) como noção de contextualização da problematização proposta. Descrevemos a morte enquanto acontecimento existencial passa a ser significada em uma cadeia lógica de sentidos, a morte assistida, essa forma de morrer assistida é a efetuação do acontecimento em sua segunda vida. Para tal, iremos nos debruçar sobre o *corpus*: matérias publicadas pela edição brasileira do jornal *El País*, no mês de abril 2017, com a temática da morte assistida. Ainda como aproximação teórica-metodológica usaremos o procedimento de categorização dos quadros de sentido, trabalhando como conceito operador a noção de enquadramento com Erving Goffman (2012).

Palavras-chave: Comunicação. Acontecimento. Morte Assistida.

Abstract

In a brief historical tour we see that in Ancient Greece until the Middle Ages the idea about death underwent changes. In Modernity (XVIII-XX) death begins to be rationalized. In contemporary times, we avoid death and seek to reduce its estrangement through communication. In this work we treat death as an event (QUÉRÉ, 2005) as a notion of contextualization of the proposed problematization. We describe death as an existential event that becomes signified in a logical chain of meanings, assisted death, this form of assisted dying is the effectuation of the event in its second life. To this end, we will focus on the corpus: articles published by the Brazilian edition of the newspaper *El País*, in April 2017, with the theme of assisted death. Still as a theoretical-methodological approach, we will use the procedure of categorization of frames of meaning, working as an operator concept the notion of framing with Erving Goffman (2012).

Keywords: Communication. Happening. Assisted Death.

¹ Mestrando em Comunicação e Poder pelo PPGCOM – UFMT.
E-mail: almeidamarceloduarte@hotmail.com

² Pós-doutor em Comunicação e Artes na Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã, Portugal. Professor do PPGCOM – UFMT e do PPECCO – UFMT. E-mail: ppo@terra.com.br

Introdução

A morte, ao longo dos tempos, foi concebida e experimentada pela sociedade de inúmeras formas. Na Grécia Antiga (VI –IV a.C.), a morte era uma condição a qual o homem grego era incapaz de se opor. Ésquilo (2004), lembrava ao homem grego que a morte poderia cessar o sofrimento que atingia o indivíduo.

Já na Idade Média (V –XV), com a introdução de uma linguagem que sacraliza a vida, a ideia sobre a morte alterasse, o indivíduo passa a reconhecer a morte atrelada ao martírio como o caminho para uma graça divina. “Este é o meu consolo no meu sofrimento: “A tua promessa dá-me vida” (Sl, 119:50). Neste sentido, o direito de morrer é retirado quando a santidade da vida não aceita a sua interrupção, senão pela vontade de Deus.

Tanto na Grécia Antiga como na Idade Média, o homem era incapaz de fazer frente à morte já que essa afecção era natural da própria existência.

Na Modernidade (XVIII–XX) há um deslocamento da linguagem referente a morte. Alma já não é mais uma infinitude e o corpo já não padece como antes. Foucault (2014) mostrou a racionalização da morte a partir das transformações fundamentais da medicina do século XIX. O olhar clínico sobre o corpo morto, uma classificação nosológica sobre o que ocasionou o morrer, a morte passa a ser objeto de estudo, olhar a morte para compreender as enfermidades que atravessam a vida.

Neste contexto, emerge a tecnização (SAINT CLAIR, 2012), sobre a morte por saberes institucionalizados, o que possibilitou um avanço no controle dos processos que acarretariam morte

Segundo Rodrigues (2006), nosso momento histórico buscasse transformar a morte em objeto de saber a enquadrando, localizando e fechando a angústia provocada pela morte dentro de um discurso. Enquanto um fenômeno social, a morte é cercada de ritos e símbolos que garantem a separação entre os vivos e os mortos.

Para além disso, Benetti (2012) propõe uma apreensão da morte pela Comunicação que nos remete ao retorno entre o homem e a natureza. Dessa forma, a Comunicação ao tratar da morte nos recorda da nossa condição de mortalidade. Diante disso, a morte seria um acontecimento (QUÉRÉ, 2012) onde a Comunicação teria a função de ajustar as suas arestas o tornando inteligível.

Por mais que morte possa ser tipificada de inúmeras formas, tratamos aqui de uma tipologia específica do morrer: a morte assistida.

Nossa opção é tratar a morte assistida como a segunda vida do acontecimento existencial morte dada pela Comunicação (QUÉRÉ, 2012). A noção de acontecimento é que possibilita a constituição de uma interpelação acerca da nossa atualidade, interpelações entorno do que estamos fazendo com nós mesmos.

Contra-pondo-se ao modelo estruturalista o acontecimento evita modelos de estruturas que expliquem as relações sociais. O pensamento coloca-se do “lado de fora” das estruturas. Neste sentido o acontecimento pode ser visto como uma rachadura no campo das possibilidades, ou seja, seria indagar quais as experiências possíveis diante daquilo que o mundo oferece é possível pensar e viver diferente do que se faz.

Partindo da premissa da dupla vida do acontecimento onde a primeira instaura-se no campo das mudanças existenciais e a segunda vida instaura-se pela busca de significados, a Comunicação segundo Quéré (2012) promove essa segunda vida. Para além de anunciar o acontecimento morte, ela visa nomear, delimitar, fixar e categorizar levando a uma experimentação que perpassa o campo das ideias.

O filósofo pragmatista clássico John Dewey (1974), nos apresenta a Comunicação como um instrumento norteador das experiências compartilhadas. Em outras palavras, é a possibilidade de ampliação dos sentidos e das experiências. No que tange à morte enquanto acontecimento, nomeá-la é torna-la comunicável com vestígios e marcas que possibilitam a emergência de novos significados.

Isto posto, a morte assistida seria o arranjo do acontecimento morte em um fluxo calmo e passível de inúmeras combinações. O estranhamento da morte (FREUD, 1980), passa a ter uma existência com significado que ocorre por intermédio de uma discursividade que a enquadra, justifica sua existência, produz seus arranjos, a combina e outorga um estatuto de singularidade. Segundo Goffman (2012), somos uma sociedade que recusa o inexplicável, toleramos em certa medida o inexplicado, entretanto, os acontecimentos devem ser incluídos em quadros que convergem para um sistema de crenças definidas. Atribuir sentido ao acontecimento é antes de tudo, inseri-lo em um quadro onde a sua normalização seja possível.

Considerando a morte como componente comum e ordenador as variações tipologias do morrer são as partes passíveis de movimentação da própria experiência do morrer. Tipologia é compreendida neste trabalho a partir da definição do Dicionário de

Filosofia de Nicola Abbagnano (2007), um conjunto que possibilita o estabelecimento de relações ligadas por um dominador comum.

Fazendo as ressalvas necessárias, as subtipologias que emergem da segunda vida do acontecimento morte, emergem do processo de comunicabilidade (OLIVEIRA, 2018) na interação indivíduos e o mundo.

As subtipologias do morrer de forma assistida que apresentamos, nascem a luz dos processos comunicacionais, o acontecimento morte passa a ter particularidade, causalidade, uma individualidade e novas possibilidades de modos de operação. Dessa maneira, a morte torna-se um objeto e uma fonte profícua de significados com referência nas condutas humanas, a possibilidade de relação de um acontecimento com outros.

As subtipologias do morrer de forma assistida são:

Quadro 1 – subtipologias do morrer de forma assistida dadas pela Comunicação

Suicídio Assistido midiaticizado

Por intermédio das materialidades comunicacionais, o indivíduo faz ver seu descontentamento e desencanto por uma existência que julga ser insustentável em decorrência de enfermidades e solicita auxílio para morte assistida. Em outros casos é a própria Comunicação por meio de suas materialidades que dá esse veredito, com base nas condições de vida do indivíduo antes da morte

Morte voluntária midiática

A Comunicação como agente constituidor e organizador das relações sociais, possibilita que na Comunicação compartilhada com o outro e com o mundo, as pessoas possam estabelecer relações sobre a própria existência. Na morte voluntária midiática partindo das experiências compartilhadas o indivíduo reconhece que a sua existência em decorrência de alguma enfermidade em dado momento será inviável e solicita auxílio para finalizar a vida.

Esgotamento da psique

Comunicação em seu aspecto relacional apreende e reconfigura a nossa forma de ver determinados aspectos da vida e da morte, produzindo sujeitos e subjetividades. Dessa forma, há indivíduos que reconhecem o agravamento dos modos de viver seja em decorrência de transtornos mentais ou o esgotamento do desejo de estar vivo. Considerando a vida insustentável ou sem a possibilidade de atribuição de sentido, fazem a opção pela morte assistida.

Fonte: Autores. 2022

As subtipologias do morrer de forma assistida, não só se diferenciam entre si, como possibilitam a emergência de diferentes sujeitos, práticas e modos culturais de perceber a morte que não preexistiam ao acontecimento morrer.

Subtipologias do morrer seriam uma forma de estímulo, uma fagulha ou o fragmento de uma nova realidade. Passamos da descrição do morrer para uma dinâmica onde as emergências, as transformações e as potencialidades emergentes oferecem mais possibilidades de reflexão. É pela Comunicação que as subtipologias do morrer de forma assistida são reajustadas para se tornarem objetos, sujeitadas a interpretação, julgamento, passíveis de referência e atravessam o espaço e o tempo e se inscrevem nos corpos.

Para pensarmos a morte assistida como segunda vida do acontecimento morte e como a Comunicação lida com esse evento, partimos de algumas premissas: a) a perda da dimensão coletiva da morte (SAINT CLAIR, 2012), essa mudança dá coletividade para uma individualidade dar-se em função de um saber que apreende a morte, b) a impossibilidade de uma generalização possível sobre a prática da morte assistida, ou seja, os sentidos atribuídos a prática não partem de uma essencialidade que tenha relação com a prática ou com os sujeitos, c) as condições históricas necessárias para emergência da morte em suas mais diferentes tipologias enquanto um acontecimento e, d) a institucionalidade nas mídias na produção, circulação e representação das informações, a capacidade de reverberação e engendramento de diferentes acontecimentos comunicados (FRANÇA, 2012).

Nossa pergunta condutora: como a morte, enquanto acontecimento existencial, é reconsiderada, revisada, readaptada, enquadrada em um sistema de crenças e sentidos e comunicada para além do seu caráter existencial pela Comunicação? Para responder essa questão analisou-se como *corpus* as notícias sobre a morte assistida publicadas pelo jornal El País edição brasileira em abril de 2017.

As experiências da morte

No século XVIII o homem ocidental ressignifica a experiência da morte. Ao contrário da Idade Média, o indivíduo já não se volta para sua própria morte com cuidado para com a mesma. O que se tem a partir de então é a experiência da morte do outro, a intolerância e a separação (ARIÉS, 2012).

Ainda no campo das experiências com a morte uma série de regras de condutas que norteavam a vivência da perda, ou seja, de práticas que mostravam qual a melhor maneira de viver e encarar a morte em suas variadas facetas.

Vê-se no século XVIII dar um novo sentido as experiências entorno da morte. Uma dupla função emerge. A primeira consistia em fazer com que a família vivesse a morte e os afetos decorrentes dela em um tempo bem estabelecido. A segunda função era submeter quem apreciava a morte de outrem a uma provação diante dos excessos do sofrimento. Essa dupla função tinha como objetivo manter uma interioridade resguardada.

É na metade do século XVIII que a morte se torna um problema de saúde pública em decorrência do aumento da população urbana. Na ausência de práticas de higiene para com os cadáveres, as mortes oriundas do contato com esses corpos começaram a ser relatadas:

Em Nantes, em 1774, durante um enterro em uma igreja, ao deslocar-se um caixão, um odor fétido exalou-se: Quinze dos presentes morreram pouco tempo depois; as quatro pessoas que haviam removido o caixão foram as primeiras a morrer e os seis padres presentes à cerimônia por pouco não pereceram (ARIÉS, 2012, p. 163).

Diante da situação insalubre para vida, o Parlamento de Paris ordenou que as condições dos cemitérios que cercavam a cidade eram adequadas ou não. Essa conduta do Parlamento é tentativa de estabelecer uma regulamentação sobre as práticas oriundas do morrer que começavam a se torna um problema. Inclusive decretando a proibição da abertura de caixões dentro das igrejas (ANDRADE, 2006).

Constitui-se uma medicina sanitaria entorno da morte. Os médicos da segunda metade do século XVIII recusam a ideia de que as doenças transmitidas pelos cadáveres são frutos de feitiçaria ou mesmo obras do próprio demônio. Dando início a uma intervenção e vigilância constantes: nas instalações de minas, nos cemitérios, proibindo habitações insalubres e fomentando a cremação dos cadáveres ao invés de sua inumação (FOUCAULT, 2014).

Na contemporaneidade com os avanços da tecnologia, da Comunicação, da medicina se tornou cada vez mais comum o prolongamento da vida. Uma vez que há toda uma produção pedagógica de como levar uma vida onde o risco de morte seja minimizado. A morte nos dias de hoje é fruto de uma negligência do indivíduo com a própria saúde. Ela, está atrelada com a capacidade de evitar atitudes que coloquem em risco a vida ou viver de tal forma que a expectativa de vida se reduza.

Comunicação e as práticas de si

Na Antiguidade prevaleceu as práticas de si tendo como referência a pólis, quando os indivíduos se preocupavam com quais condutas deveriam ser tomadas para se chegar ao governo de si e conseqüentemente da pólis. No Cristianismo do século XIII, as práticas de si estavam voltadas para os cuidados com alma tendo a confissão como prática para se ter acesso a uma verdade interior e um cuidado com a morte.

Na Modernidade, as práticas de si subordinaram-se a saberes como Sociologia, Psicanálise, entre outros. Tais práticas são pensadas como condutas que devem ser norteadoras de uma vida e da relação com o morrer.

Na contemporaneidade, com a Comunicação, ocorre a emergência de novas práticas de si e, conseqüentemente, de subjetivação. Diferentemente das práticas de si modernas construtoras da interioridade. Agora, mais do que no passado, a Comunicação em suas mais diversas materialidades, entre outras forças, colaboram decisivamente para seguir com formas contemporâneas de ser, estar e refletir sobre a morte que visam uma exterioridade.

Ademais, a pedagogia midiática empregada pela Comunicação, por intermédio de suas mais variadas mídias, conduz, norteia ou guia as condutas dos indivíduos sustentados por narrativas que se apoiam em discursos científicos.

Em outras palavras, o gerenciamento das práticas de si por parte dos meios de Comunicação como uma possibilidade de produzir sujeitos capazes de repensar a sua relação consigo e com a sociedade e com os afetos decorrentes da morte com base nos caminhos dados pela Comunicação.

Nesse cenário a Comunicação com suas diversas mídias emergem como um dispositivo capaz de apreender e reconfigurar a nossa forma de ver determinados aspectos da vida e da morte, produzindo sujeitos e subjetividades. Isso é possível na medida que gera: imagens, ressignificações, modos de existir, modos de comportamentos e modos de constituir-se a si mesmo (FISCHER, 2002).

As condutas diante da morte em nosso momento histórico se dão pela Comunicação. A Comunicação enquanto praxiológica (FRANÇA, 2003), assume o papel de agente instituidor da constituição e organização dos indivíduos e das possibilidades de interagir com a morte.

Procedimentos metodológicos

Abordagem metodológica deste trabalho é antes uma tentativa de um movimento que visa fazer da metodologia uma parte em comunhão com o aspecto teórico. Segundo Maldonado (2002) as junções metodológicas e teóricas requerem uma sistematização onde a metodologia não se atenha apenas ao papel instrumental para pesquisa.

Dividida em três níveis inter-relacionados nossa metodologia faz um esforço de caminhar para uma pesquisa da pesquisa (MALDONADO, 2002). o primeiro nível é o enquadramento (GOFFMAN, 2012) - pensado como um conceito operador e gerador de indicadores de análise, que nos permite percorrer ou explorar uma questão. Possibilitando compreender como a Comunicação por intermédio de suas materialidades enquadram a morte enquanto acontecimento, administrando os afetos decorrente desse acontecimento. O segundo nível é o acontecimento é a irrupção de uma singularidade, não necessária ou inevitável ao contexto histórico-social. A nossa opção é tratar tais emergências relativas à morte assistida como um acontecimento na gênese da nossa atualidade. Segundo França e Cunha (2017), pensar o acontecimento na área da Comunicação é um modo de operacionalizar a nossa postura diante do objeto investigado.

Terceiro nível teórico-metodológico trata dos procedimentos ou técnicas de pesquisa. Os procedimentos metodológicos estão colocados em dois níveis articulados entre si: 1) Pesquisa bibliográfica e, 2) Grade analítica.

Pesquisa bibliográfica: procedimento indispensável na pesquisa tem como função sistematizar os conceitos que norteiam este projeto. A pesquisa bibliográfica deste projeto busca discutir conceitos e eixos-temáticos, tais como: **acontecimento, mídias, quadros e morte assistida**. Dentro da pesquisa bibliográfica os procedimentos que serão adotados são: a) fichamentos, b) resenhas, c) coleta de dados, d) discussões sobre obras referentes a morte.

Grade analítica: individuação do acontecimento (FRANÇA, 2011). Alguns passos são necessários para esse processo: a) analisar a descrição do acontecimento, b) descrever a narrativa do acontecimento situando-o dentro de uma linha temporal inteligível, c) Mostrar a composição pragmática do acontecimento, d) Pormenorizar o acontecimento enquanto um problema de ordem social, e) por último, evidenciar como o acontecimento é normalizado dentro de uma cadeia inteligível do pensamento, dando a ele um estatuto de normalização.

Para proceder com a nossa proposta metodológica, o nosso *corpus* de análise foram as reportagens sob o tema morte assistida no jornal El País edição brasileira no ano de 2017.

Os quadros de sentido: a singularidade da morte assistida

O *corpus* de análise é composto por três matérias publicadas no jornal El País, no ano de 2017, no mês de abril. Apresentamos a seguir cada matéria, por ordem cronológica. Buscamos apresentar os enquadramentos do acontecimento morte ao longo das matérias. Para facilitar a compreensão por parte do leitor, as matérias serão divididas em quadros, com adição de um título para cada. Uma forma de sistematizar o texto o deixando mais compreensível.

Rômulo e Remo: o médico que matou o próprio irmão

A primeira matéria é do dia primeiro de abril e trata da história do médico belga François Damas que já realizou a longo da carreira cerca de 150 mortes assistidas, inclusive a do próprio irmão. O título da matéria é “As 150 eutanásias do médico que ajudou o próprio irmão a morrer”³.

O médico conta que a sua primeira experiência com a morte assistida foi com uma tetraplégica. “Tenho uma lembrança positiva porque refletimos muito entre médicos e enfermeiros. Foi um trabalho em equipe. Uma experiência iniciática”.

Nas falas de Damas não se nota um rastro de remorso. “Sentiria [remorso] se cometesse uma negligência. Estou contente por ter conhecido pessoas que deram o privilégio de acompanhá-las até o final”.

Como a maioria dos casos de morte assistida com acompanhamento médico são realizados em casa, segundo o jornal, o médico dá autonomia para o paciente. “O médico belga permite que o próprio paciente abra o mecanismo que faz circular o líquido que vai acabar com a sua vida”.

³ Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/31/internacional/1490968072_696807.html >
Acesso em :05/04/2022

Figura 1 – Médico Damas



Fonte: Jornal El País⁴ (2017)

A morte nos é apresentada de forma quantificada “150 eutanásias”, um dado que evidência muito mais uma questão social do que uma reflexão sobre a morte. A primeira matéria articula um processo de categorizar o acontecimento morte. O acontecimento morte passa a ser nomeado “eutanásia”, dar essa nomeação ao acontecimento é uma tentativa de inscrevê-lo dentro de um determinado quadro de sentido.

A eutanásia é uma prática conhecida e socialmente aceita em alguns países, a morte ganha um histórico, uma serialidade, ou seja, o acontecimento tem seu pertencimento registrado em categoria oriunda do morrer de forma assistida.

Alienação da morte: a quem devo a minha morte?

A segunda matéria também é do dia primeiro de abril, cujo título é “Quem decide como vamos morrer?”⁵ A matéria traz exemplos de casos históricos de pessoas que buscavam por meios legais os mecanismos necessários para obter a morte assistida, como era o caso de Ramón Sampedro que só conseguiu morrer “porque uma mão amiga” de forma clandestina lhe entregou os remédios que possibilitaram a sua partida.

⁴ Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/31/internacional/1490968072_696807.html>

⁵ Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/31/ciencia/1490960180_147265.html Acesso em: 05/04/2022

Tal como a primeira matéria, o acontecimento morte é colocado dentro de uma linha temporal, ou seja, marcado temporalmente, possibilitando uma cronologia que permite buscar sentidos no passado.

Figura 2 – Rámom Sampedro, imagem usada pelo jornal na matéria



Fonte: Jornal El País⁶ (2017)

Esse modo de morrer pela assistência de outrem, revelasse aqui como alienação da morte do outro. Está matéria em especial, evidenciou em certa medida alienação da morte dos moribundos por parte do Estado, apropriação do direito de morrer. A morte é elevada a uma posição não preexistente ao seu caráter de acontecimento, alienação da morte é antes um debate no campo das políticas sociais do que das questões existenciais do morrer.

***Kodokushi* ibérico: a morte solitária**

A terceira matéria é publicada cinco dias depois, que conta a história de José Antonio Arrabal, espanhol, 58 anos, acometido por ELA⁷. Que de forma solitária morre em casa diante de uma câmera, mesmo tendo dois filhos e esposa. A Espanha considera

⁶ Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/31/ciencia/1490960180_147265.html

⁷ Esclerose Lateral Amiotrófica⁷ (ELA), uma doença neurodegenerativa cuja causa não é definida. Tal enfermidade leva a perda de capacidades como andar, comer e respirar. Pacientes com essa doença morrem geralmente cinco anos depois do aparecimento dos sintomas

o suicídio como crime e puni aqueles que ajudam o indivíduo a cometer tal ato, dessa forma para garantir a não culpabilidade da família Arrabal comete o ato sozinho.

A matéria traz um vídeo⁸ gravado por Arrabal no dia dois de abril, quando esgotados os meios legais para ter acesso a morte assistida, ele comete suicídio assistido. A matéria intercala falas de uma entrevista concedida um mês e meio antes da sua morte e falas que estão presentes no vídeo. Essa entrevista que o jornal faz referência só aparece dentro da própria matéria não sendo encontrada nos arquivos do jornal⁹.

Figura 3 - José Antonio Arrabal durante o vídeo de sua morte



Fonte: Jornal El País¹⁰ (2017)

O jornal faz uma descrição do suicídio assistido midiático de Arrabal, em razão do próprio jornal censurar a parte que Arrabal comete suicídio. “Lentamente, porém de forma decidida, José Antonio Arrabal sorve com canudo dois frascos de medicamento”. Isso nos aponta para dois pontos, a) a morte usada para fora da sua condição existencial e, b) a morte ainda é tratada como algo que não merece total visibilidade.

Há uma construção de um fundo pragmático para a morte de Arrabal, diante de uma história cujo final já sabemos, há uma referencialidade a outros casos de morte assistida, para evidenciar como existe um senso comum sobre forma de compreender o morrer de maneira assistida. Para além disso, a forma como é descrita as condutas de

⁸Disponível em <https://ep02.epimg.net/brasil/videos/2017/04/05/ciencia/c57a1f98a387f6d6a091ff07fd144f76.mp4> Acesso em 15/04/2022

⁹ Disponível em <https://elpais.com/buscador/> Acesso em: 17/06/2022

¹⁰ Disponível em < <https://brasil.elpais.com/noticias/caso-jose-antonio-arrabal-lopez/> >

Arrabal diante de uma morte eminente, é um ato político, buscasse mostrar o direito social a uma morte digna.

A morte de Arrabal passa de um aspecto existencial para ser comunicada pela sua segunda vida, morte assistida, aqui reconhecida em sua dimensão política. Entre a primeira matéria até a última a morte é narrada e articulada para ser colocada dentro de um quadro de sentidos (GOFFMAN, 2012). Em outros termos, a morte enquanto acontecimento, é domesticada para ser passível de julgamento. A morte perdeu seu caráter existencial de acontecimento, dando espaço para um enquadramento carregado de referências (dignidade, direito civis). A morte foi reajustada para um quadro de normalidade, em que a morte deixaria de causar estranhamento (FREUD, 1980).

Considerações finais

Partindo dos argumentos apresentados observamos que a morte é revista pela Comunicação sob a especificidade de um regime singular, tal regime tem como função atribuir um alcance social para o acontecimento.

A morte capturada pela Comunicação praxiológica (FRANÇA, 2003), ganha sentidos não preexistentes ao acontecimento, mais que emergem em seu decorrer. Dessa forma ao ser tratada como morte assistida e possibilitar a emergência de subtipologias derivadas do morrer assistido, possibilita a constituição de novos sujeitos e subjetividades que na troca com o mundo vão questionar os modos de vida, tal como Arrabal.

Em um movimento de retorno a questão instigadora desse trabalho como a morte, enquanto acontecimento existencial, é reconsiderada, revisada, readaptada, enquadrada em um sistema de crenças e sentidos e comunicada para além do seu caráter existencial pela Comunicação? A resposta encontrada é que as variações tipológicas da morte, em especial a morte assistida e suas subtipologias são atribuições de significados para além do acontecimento existencial.

No conjunto das matérias notamos a morte tomando um caminho oposto ao existencial ocorrendo uma adaptação do acontecimento para sua inteligibilidade. Ora a morte foi vista como um problema político e social merecedora de espaço no debate público. Em outros momentos como o caso da primeira matéria a morte foi vista como uma ferramenta de quantificação para justificar a prática de morrer de forma assistida.

A morte assistida torna-se parte das discussões cotidianas da legalidade da morte, o estranhamento, a ruptura, a fissura, o deslocamento e as emergências são normalizadas para serem passíveis de ligação com outros tantos acontecimentos.

Por fim, acreditamos na Comunicação para além de um instrumento de transmissão de informação, a Comunicação enquanto organizadora das relações sociais, dos modos de ser e estar no mundo.

Referências

- ABBAGMANO, N. **Dicionário de filosofia**, São Paulo: Martins Fontes, 2007
- ARIÉS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BENETTI, M. Apropriação discursiva da morte pelo leitor. In: **Jornalismo e acontecimento: diante da morte**. Florianópolis: Insular, v3, 2012 p. 149-168
- BÍBLIA. Bíblia Sagrada: ave Maria. **Antigo testamento**. São Paulo: Ave-Maria, 2017.
- DEWEY, J. Cap V. Natureza, Comunicação e significado. In: **Experiência e Natureza**. Coleção os pensadores – História das grandes ideias do mundo ocidental. São Paulo: Abril, 1974, p. 187-210.
- ÉSQUILO. **Prometeu acorrentado**. Trad. Mário da Gama Kury, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2014
- FISCHER, R. M. B. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v 28, n. 1, p. 151 – 162, jan/jun. 2002.
- FOUCAULT, Michel. Prefácio. In: **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. VII-1.
- FOUCAULT, Michel. Abram alguns cadáveres. In: **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 136-162.
- FRANÇA, S. C. L. V.V. **Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas**. Matrizes, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 71- 87, set/dez 2017.
- FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, dez. 2012.
- FRANÇA, V. **O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático**. *Caleidoscópio*, Lisboa, v. 10, p. 59-72, 2011.
- FRANÇA, V. L. Quéré: dos modos de Comunicação. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. p. 2003

FREUD, S. 1980. O estranho. In: S. FREUD, *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, vol. XVII [1917-1919], p. 275-322.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis, Editora Vozes, 2012.

OLIVEIRA, P. P. de. **Estratégias de interdições da Comunicação: rupturas da democracia comunicada**. Estudos em Comunicação, v.2, p. 23-34, 2018

QUÉRÉ, L. **Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento**. 2005 *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

QUÉRÉ, L. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmático. In: **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. Cap. 1, p. 21-38.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SAINT CLAIR, Ericson. A tecnização da depressão na imprensa brasileira (anos 90 e 2000) In: **A depressão como atualidade midiática no Brasil contemporâneo: fazendo o arquivo falar (1970-2010)**. (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012, p. 156-220. Disponível em: <
https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&ved=2ahUK Ewjy1po_4nkAhWLIbkGHeZA74QFjAEegQIABAC&url=http%3A%2F%2Fbvssite.bvsintegralidade.icict.fiocruz.br%2Ffiledbi%2Fdocs%2Fonline%2Fget.php%3Fid%3D1490&u sg=AOvVaw3S56sdZSrLEf-RxzShzaEL > Acesso em: 12 fev. 2022.